

CORPO ECOLÓGICO, CORPO DIALÓGICO

Por uma corporeidade ecosófica ou o nome esquecido da Educação Física

Samuel Macêdo Guimarães¹

RESUMO

Ensaio teórico que discute sobre a relação do ser humano consigo mesmo, tendo como referencial a reflexão crítica sobre uma corporeidade construída a partir de estímulos externos, baseados em graus de insatisfação com o próprio corpo. Apresenta reflexões sobre a possibilidade de evitar os excessos que favorecem a busca de um "modelo ideal de corpo" e discute a possibilidade de transformação desses mecanismos. Sugere uma aproximação do conceito das três ecologias de Félix Guattari numa visão de ser humano ecosófico, que reforcem ligações criativas e holográficas, compartilhadas entre sujeitos enriquecidos de dialogicidade.

ABSTRACT

Theoretical essay that argues about the relationship of the human being with himself, using by referencial the critical reflexion about a built corporeity from external stimuli, based on grades of dissatisfaction with the own body. Presents reflexions about the possibility to avoid the excess that suits the look for an "ideal body model" and discusses the possibility of transformation of those mechanisms. Suggest an aproximation by the concept of three ecologies by Félix Guattari on a vision of a ecosophical human being, that reinforces holographic and creative connections shared between subjects enriched by dialogicity.

Para começar falando de corpo

Tomando por base a leitura de um texto de Silva (2000), fui sensibilizado a refletir sobre as relações de insatisfação do indivíduo com seu corpo. Nos dias atuais, essas insatisfações contribuem para o risco de um distanciamento cada vez maior do ser humano consigo mesmo enquanto sujeito no mundo. Isto tem possibilitado o aparecimento de condicionantes da construção da auto-imagem, cada vez mais influenciada a partir de estímulos externos, baseados em uma perspectiva hegemônica, destacando principalmente a insatisfação com a aparência.

“[...] pesquisa confirma uma enorme preocupação que os indivíduos contemporâneos têm com sua dimensão corporal e a sua concomitante insatisfação, ao não corresponder com a expectativa que lhes é colocada. A insatisfação leva a intervenções drásticas sobre o corpo, como as cirurgias plásticas, as mais variadas dietas, as diferentes ginásticas cada vez mais especializadas em modelar milimetricamente o corpo, além da ingestão de medicamentos e produtos químicos com a mesma finalidade.” (Silva, 2000: 02)

¹ Mestrando em Educação Física da UFSC, bolsista UESC - CAPES

Por outro lado, Berlinguer (1993) argumenta sobre a questão do valor da vida humana e a possibilidade da mercadorização do corpo, relacionada a discursos efusivos sobre as perspectivas referentes às biotecnologias associadas à saúde humana, apresentando dois aspectos preocupantes e que merecem uma reflexão cuidadosa: a) a dúvida sobre a capacidade do uso de biotecnologia para solução dos problemas sociais do mundo; b) a solicitação de patentes para seqüências parciais de DNA humano.

“Tais seqüências são comuns a qualquer ser humano, e fico profundamente perturbado ao saber que alguém apresentou solicitação de patente de certa porção, ainda que por hora mínima, de *minhas* células, das células *de vocês*, ou seja, que alguém possa vir a declará-las propriedade particular e exclusiva. Isso ofende minha intimidade e meu sentido de justiça.” (Berlinguer, 1993: 169)

Temos ainda o alerta de Guattari (1999), que aponta o comprometimento das subjetividades, pela homogeneização e padronização dos comportamentos. Daí, contribui para o empobrecimento de uma compreensão mais contextualizada do todo, reduzindo o entendimento de Ser humano a uma consciência parcial, cujo signo resultante é a coisificação da vida, seja das formações políticas, seja das instâncias executivas. Desta forma, não vislumbram os perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, no qual está inclusa a vida humana.

“É a relação da subjetividade com a exterioridade – seja ela social, animal, vegetal, cósmica – que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva. A alteridade tende a perder toda aspereza.” (Guattari, 1999: 08)

A visão tecnocrática só consegue atender a demanda de bens e danos materiais; e, se o corpo é visto apenas como material, passa a ser focalizado como elemento passível do “controle tecnológico”. Sem reconhecer as problemáticas advindas desta óptica não se percebe que o que está em jogo é a vida humana, possível de ser inserida em campos de percepção mais amplos: físico, mental, intelectual, intuitivo, emocional, espiritual. Se essas amplitudes não são valorizadas nem estimuladas, blocos inteiros da subjetividade coletiva desaparecem (Guattari, 1999), comprometendo a possibilidade da ontológica vocação do homem de ser mais (Freire, 1999), seja na cultura, na arte, na pesquisa, no meio ambiente, nos modos de vida.

Silva (ibidem) cita a existência de “*um aumento do sectarismo, na forma de comportamentos baseados em preconceitos de raça, credo, pátria, gênero, código de honra e valores, tal como nos conflitos entre tribos urbanas e nas guerras étnicas que se espalham pelo planeta*”. Ao nosso ver, tais comportamentos contaminam toda a rede de relações do ser humano - considerando uma visão holográfica² do que é um Ser-no-mundo - fortalecendo o aparecimento de uma “*concepção moderna de indivíduo na perspectiva de um atomismo social*”.

² “O modelo holográfico é essa teoria que apreende toda a ‘vida em estado puro’ da ciência e do espírito.” (Fergusson, 1991: 27).

“Uma misteriosa propriedade, tanto do holograma como do cérebro, consiste na distribuição das informações por todo sistema, com cada fragmento codificado para produzir as informações do todo.” (Wilber, 1991: 13).

“Sincronicidade e coincidência significativa fazem sentido num universo significativo, holográfico. [...] No domínio holográfico, cada organismo representa, de certo modo, o universo, e cada porção do universo representa de certo modo os organismos que ela contém.” (Pribram, 1991: 15 e 37)

“A plena inclusão do intelecto, dos sentidos, da intuição e da experiência acumulada em toda uma vida.” (Dychtwald, 1991: 105)

Daí então, discutir neste texto a relação do indivíduo com o seu próprio corpo, inserido **no e com** o mundo, que possa contribuir para a transformação dialógica (Freire, 1999) desses mecanismos que “oprimem” o ser humano em busca quase obsessiva de um “modelo ideal de corpo”. Também, aproximando-se do conceito das três ecologias de Guattari (1999), investigar a possibilidade de apreender uma visão de ser humano ecosófico³ que reforce ligações criativas e compartilhadas entre os sujeitos enriquecidos de dialogicidade.

Corpo encantado é corpo dialógico

Segundo Gamboa (1994: 36), “À *semelhança de outras áreas, especificamente com a da Pedagogia, a Educação Física sofre as flutuações do denominado colonialismo epistemológico das ciências mães.*” Deduz-se que, a partir deste quadro, uma propensão para o feudalismo epistemológico, apesar dos esforços recentes na área da Educação Física para superar este estilo de pensamento.

Sobral (1992) sinaliza que estas vias se impõem como arquétipos e limitações endógenas, associadas à pesquisa na área em que são realizadas com um “*excessivo pendor ‘fundamentalista’ da investigação, a qual se ocupa com as questões mais gerais e determinantes, relegando para um plano secundário os problemas concretos que se apresentam no terreno.*”. Comenta que esse feudalismo epistemológico resulta de duas causas: a) a afinidade com ópticas de análise e esquemas de raciocínio de estilos de pensamentos das ciências dominantes suseranas; e b) estudos naturalísticos são depreciados e desencorajados em nome do princípio sacrossanto do controle. Indica ainda sobre como esse processo se consolidou.

“[...] Chegaram aqui⁴ vindos das ciências biomédicas, da psicologia, da sociologia, da física, entre outras, e começaram a impor as suas ópticas, os seus métodos e os seus discursos disciplinares. Foram recebidos com espanto pelos indígenas⁵, a quem resolveram muitos problemas e de quem receberam testemunhos de gratidão. É assim que muitas vezes se inicia a relação de colonizador com o colonizado.”(Sobral, 1992: 57)

Apesar de considerar natural as trocas entre os campos de saber, o comentário sobre uma relação de gratidão com as ópticas impostas é muito pertinente. O termo “indígenas”, na forma como utilizou, está politicamente incorreto e nesse sentido mal empregado. Mas contribuiu para instigar uma necessidade de discutir contextos que possibilitem vislumbrar caminhos a partir das ponderações apresentadas. Caminhos que não reduzam o entendimento de corpo, respaldado na compreensão de um mundo estático e unicamente de forma quantificada.

Com essas discussões espera-se conduzir a construção de pensamentos que provoquem a necessidade de uma reflexão crítica sobre as formas de trabalho do professor de Educação Física, no que se

³ De acordo com Guattari (1999: 08), ecosofia é a articulação ético-política entre os três registros ecológicos – o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana.

⁴ Os pesquisadores das áreas citadas e os conhecimentos trazidos e apropriados pela Educação Física.

refere a visão de corporeidade. De ponderar sobre o que constitui o *modus vivendi* e o *modus operandi* do sujeito de “razão dialógica” que, segundo Fensterseifer (1998), supera o modelo de razão monológica, pois além do aspecto cognitivo-instrumental, “compreende também os aspectos prático-político e estético-expressivo”.

E mais ainda, possibilitar re-direcionar o “olhar” para formas que desvelem a possibilidade de romper com “certos” valores que estabelecem como “tradição” a repetição dos ciclos de aprisionamento do homem pelo homem, acentuando a perda de uma consciência de coletividade, favorecendo a uma “ditadura” da individualidade e do utilitarismo, que na forma contemporânea Maffesoli assim nos apresenta.

“A ditadura contemporânea não consiste mais no fato, salvo exceções notáveis, de indivíduos sanguinários e cruéis, ela é anônima, doce, dissimulada. Ela é sobretudo não consciente do que é, ou do que faz, e se empenha, em total boa fé, em promover o sacrossanto princípio de realidade utilitarista. E desse modo extirpa de fato, a faculdade onírica. Nesse sentido, ela não exprime senão uma constante da história humana: os poderes dormem em paz, enquanto ninguém pode mais, não sabe ou não mais ousa sonhar.” (Maffesoli, 1995: 09)

Essa ditadura contemporânea é metódica, estuda profundamente os comportamentos, e se utiliza de tais dados para consolidar situações opressoras de uma consciência que busca ser emancipada. Na ausência da emancipação, produzem-se indivíduos fragmentados em sua visão do que é Ser-no-corpo, influenciados por uma exterioridade estéril, que em si mesma aliena o ser humano. Aqui surge em nossa reflexão a prática pedagógica da Educação Física, pensando em concepções que possam produzir vivências corporais, menos alienantes, mais esclarecedoras e que contribuam para construir um cidadão encarnado-emancipado.

De outra forma dizendo, encantado-emancipado, num corpo não apenas transfigurado artificialmente para a dimensão de indivíduo, mas que também possa ser transcendentalizado na direção de um corpo que tenha mais do que uma existência utilitarista e que, conforme Cardoso (1994), “Não tenha a função de espelhar os papéis sociais, mas a própria essência de cada pessoa, perante o mundo cosmológico de cada sociedade.” Daí, num processo de vida experimentada, conhecer-se na radiância do conhecimento e tomar o rumo do seu próprio caminho.

Enfim, no encantamento da sua dialogicidade, evitar os processos de mutilação das suas subjetividades. Integrar-se nas relações com sensibilidade estética, favorecer o diálogo dos valores e da atitudes éticas e romper a distância entre os sujeitos na direção da afirmação da vida que quer viver.

Estar no planeta Terra e ser-movente

Concordamos com Guattari (1999) sobre ser cada vez menos legítimo que as retribuições financeiras e de prestígio das atividades humanas, socialmente reconhecidas, sejam reguladas apenas por um mercado fundado no lucro. Desta forma, é saudável antever a possibilidade da existência de outros sistemas de valor na relação humana e que possam ser levados em conta: a rentabilidade social, a estética, os valores, os desejos, a coletividade, entre outros.

⁵ Refere-se de forma metafórica a um certo tipo de pesquisador na área de Educação Física.

Mas o que se tem visto, através de todos os meios de comunicação, para minha consternação pessoal, é que toda a diversidade humana se torna cada vez mais comprometida pelo arbítrio daqueles que possuem nas mãos um poder de decisão que atinge, cada vez mais, número sempre crescente de pessoas, em campos de grande influência formadora (mídia, educação, economia, política etc.).

Não conheço nenhum governo, nenhum país, que conseguiu atender às necessidades humanas mais básicas de toda sua população, quais sejam: alimentação, moradia, educação e saúde, apesar da enorme riqueza produzida pelos habitantes deste planeta. Os discursos sobre preservação e continuidade da vida esbarram, via de regra, em burocracias e interesses palacianos, e o bem público é preservado às custas de muito sofrimento social. Vejam os exemplos das nossas universidades e o momento pelo qual passa a nossa Educação.

É preciso sair do isolamento social com o devido cuidado para não fazer disso uma ilusão. Buscar recursos onde estiverem, para repor o sentimento de cooperação, comunidade, humanidade e construir uma ética mais adequada aos sonhos e desejos dos que têm fome e sede de justiça. Construí-la dentro dos moldes mais evolucionários que se puder; quem sabe, numa óptica da pedagogia do Amor, como sugere Martinelli (1999).

Para Boff (1999), estar no planeta Terra neste momento é buscar, através das relações do modo-de-ser-trabalho-no-mundo, uma forma de intervenção que produza um estar-no-mundo que combine trabalho com cuidado. Um cuidado como forma de ser que *“possui uma dimensão ontológica que entra na constituição do ser humano... sem cuidado deixamos de ser humanos.”* Este é um desafio de humanidade que, ao nosso ver, produz “certo” tipo de corpo, acerca do qual tenho pensado todo o tempo enquanto tento formular uma coerência entre o sentir, o refletir e o agir comunicativo deste texto.

Estar no mundo, então, requer uma dose muito grande de vontade de compreender este mundo, pelo menos por aqueles que procuram refletir sobre o mundo. De criar uma pertinência adequada à natureza criativa e co-criadora do homem, que possa consolidar-se na forma de amorosidade, na medida em que todos possam ser beneficiados pelo produto final do conhecimento.

Um conhecimento com sabedoria (Morin, 2000) e não apenas um conhecimento que é escravizado aos encantos produzidos pela modernidade, que, sem esclarecimento, torna-se veículo de controle e dominação das massas, seja pela estridente algazarra da publicidade que massifica, seja pela realidade utilitarista. Supondo a superação da ditadura do modo-de-ser-no-trabalho, talvez pudéssemos desvencilhar-nos da natureza historicamente predatória conforme Leonardo Boff insinua:

“Desde a mais remota antigüidade, assistimos a um drama de perversas conseqüências: a ruptura entre trabalho e cuidado. Pelo menos desde o neolítico, há dez mil anos, lentamente começou a predominar o trabalho como busca frenética de eficácia, como afã nervoso de produção e ânsia incontida de subjugação da Terra.”. Boff (1999: 97)

Essas qualidades de relações entre o homem e a sua casa maior – o planeta Terra – refletindo uma despersonalização racionalizada, submetida à lógica do homem-máquina, escravizado pelas estruturas do trabalho produtivo, só podem desencadear, como temos visto, uma tendência autodestrutiva, que reflete uma busca externa e estereotipada por um referencial de corpo objetivado, individual e fragmentado.

“O Grande desafio para o ser humano é combinar trabalho com cuidado. Eles não se opõem, mas se compõem. Limitam-se mutuamente e ao mesmo tempo se complementam. Juntos constituem a integralidade da experiência humana, por um lado, ligada à materialidade e, por outro, à espiritualidade. O equívoco consiste em opor uma dimensão à outra e não vê-las como modos-de-ser do único e mesmo ser humano” (Boff, 1999: 97)

A aceleração das mutações técnico-científicas adaptadas ao mundo-do-trabalho na forma de tecnologia para “facilitar” a produtividade, além de produzir toda uma parafernália poluidora, produzem também uma quantidade cada vez maior do tempo da atividade humana potencial, sem avaliar com qual possibilidade se darão as conseqüências dessas estratégias. Em contrapartida, temos duas alternativas de acordo com Guattari (1999: 09), **ou** “*A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose ou a da cultura, da criação, da pesquisa, da re-invenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e da sensibilidade*”.

Não poderemos deixar de vislumbrar uma perspectiva de decisão de coletividade e encontrar alternativas para a relação corpo-homem-máquina transcendendo, entre outras possibilidades, para uma relação corpo-homem-ecologia. Cabe-nos, pelo exercício do senso crítico, do bom senso, dos valores humanos, tomar posição e decidir pela vida ou pela morte. Vejamos uma situação bem próxima de nós: o anúncio da morte da Lagoa da Conceição em Florianópolis e a dificuldade em resolver o problema. Mas Guattari adverte:

“Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Esta revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo.” (Guattari 1990: 09)

Convém salientar o valor do professor de Educação Física para colaborar com a transformação humana, pois tem no movimento humano o espaço referencial para produzir conhecimento. Ao considerar o corpo humano como o centro onde o sujeito existe, como um Ser-no-mundo, pode dispor de um “quefazer”⁶ na dimensão da singularidade humana. É nesta singularidade que residem todas as possibilidades. É neste movimento singular – mover-se em direção a... em ser-movente...– que o homem determina sua própria percepção e que, dela incorporado, pode mover-se para sua emancipação. Paulo Freire (1987: 74) adverte que “*Seria, realmente, uma violência, como de fato é, que os homens, seres históricos e necessariamente inseridos num movimento de busca, com outros homens, não fossem o sujeito de seu próprio movimento.*”

As dimensões holográficas de corpo e a ecosofia de Guattari

Estudos da física atômica colocaram os cientistas diante de realidades estranhas e inesperadas e que, segundo Capra (1997: 13), os esforços empreendidos para apreender essa nova realidade deixaram “*os cientistas irremediavelmente conscientes de que seus conceitos básicos, sua linguagem e todo seu modo de*

⁶ “*quefazer* é uma palavra utilizada por Paulo Freire para dizer da superação entre teoria e prática nas ações humanas” (Capela, 2000: 138). Tenta também dizer sobre a relação entre o pensar e o agir do processo dialógico apoiado pela ontológica vocação humana de “ser mais”.

pensar eram inadequados para descrever os fenômenos atômicos.” Essas concepções conduziram a outras mudanças mais profundas na forma de compreender e de descrever os fenômenos, levando Capra (ibidem) a propor que o aproveitamento conceitual desta “nova realidade” irá progressivamente influenciar o retrocesso da visão de mundo mecanicista de Descartes e de Newton, para uma visão holística, ecológica, que exige uma mudança na forma de pensar a visão de corpo humano.

“[...]a visão do corpo humano como uma máquina, a visão da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência, a crença no progresso material ilimitado, a ser obtido por intermédio de crescimento econômico e tecnológico, e – por fim, mas não menos importante – a crença em que uma sociedade na qual a mulher é, por toda parte, classificada em posição inferior à do homem é uma sociedade que segue uma lei básica da natureza. Todas essas suposições têm sido decisivamente desafiadas por eventos recentes.” (Capra, 1997: 25)

Não menos desafiadora é a concepção de Karl Pribram, que propõe um “modelo holográfico” levando em conta a percepção normal e, ao mesmo tempo, considerando experiências paranormais e transcendentais para fora do campo do sobrenatural, explicando-as como parte da natureza, implicando com isso uma concepção onde *“Uma misteriosa propriedade, tanto do holograma como do cérebro, consiste na distribuição das informações por todo o sistema, com cada fragmento codificado para produzir as informações do todo.”*

“Um holograma é um tipo especial de armazenamento óptico, que pode ser melhor explicado por meio de um exemplo: se você tira uma foto holográfica de, digamos, um cavalo, e retira um pedaço dela, por exemplo, um pedaço que numa foto convencional corresponderia à cabeça do cavalo, e então amplia o pedaço retirado até o tamanho original, você não obterá uma grande cabeça de cavalo, mas uma imagem do cavalo inteiro. Em outras palavras, cada pedaço individual da imagem contém a imagem toda em forma condensada. A parte está no todo e o todo está em cada parte... O ponto chave está simplesmente no fato de que a parte tem acesso ao todo.” (Ken Wilber, 1991: 08)

Estas informações podem ser sinalizadores para explicar o Ser-no-mundo, implicando uma compreensão que nos levaria a considerar o corpo como um espaço holográfico de registros da experiência vivida. Neste espaço – corpo⁷ – o sujeito, que é aquilo que é, manifestaria sua singularidade nas experimentações criativas e não pelo processo estereotipado dado às dimensões de trabalhos corporais objetivistas, que produzem um “certo” corpo para uma “certa” função. Mas isto exige, também, uma compreensão ecosófica.

Guattari chama de *ecosofia* a articulação que compreende os três registros ecológicos: o do meio ambiente (ecologia ambiental), o das relações sociais (ecologia social) e o da subjetividade humana (ecologia mental).

Com relação às questões da ecosofia do meio ambiente estaria em jogo, principalmente, qual seria a melhor maneira de viver, daqui em diante, considerando todo o contexto de aceleração tecnológica e demográfica e diante de questões como produção de armas, máquinas de guerra e homens condicionados para matar e/ou morrer em nome de alguma pátria.

⁷ Não mais visto de forma unidimensional. Não mais visto apenas como material. Concebido como uma estrutura radial. Que inclui a percepção e a intuição como fundamentos para descrever aspectos da realidade.

O trabalho da Educação Física deveria favorecer a construção de um estilo de vida para a ação correta, tendo como meta, expressar toda ação humana com apoio da ética, numa estética da existência. Esta ação humana, quando dialógica, tende a encontrar equilíbrio na relação entre as diferenças, na partilha com o outro, nas trocas, na combinação de talentos e na relação corpo-mente, em vez de se basear na busca da uniformização.

Assim, pela inclusão da ação correta na formação corporal, ficaria mais evidente que o ser humano jamais precisaria responder a seguinte questão: – que ambiente estaria sendo produzido para a vida do homem singular, em conflito com um mundo que coloca em equivalência os bens materiais, os bens culturais, as áreas naturais, e coloca o conjunto das relações sociais e das relações internacionais sob a direção das máquinas policiais e militares?

Quanto a ecosofia social, estaria em ordem de ação a busca das melhores formas de desenvolver “*práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho etc.*” formas que proporcione o sujeito-ser-em-grupo, considerando principalmente a questão da intersubjetividade, e que, o ser humano enquanto ser-no-mundo, possa apresentar ações dialógicas, investidas de Valores Humanos. Valores que conduzissem o sentir do Ser-movente na direção de um harmonioso princípio de alteridade. Que pudessem avaliar as diferenças no sentido da compreensão do outro e não no sentido de reificar o homem na condição de algoz do próprio homem.

Guattari (1990) alerta para o fato de que uma explosão da barbárie não está excluída do campo das possibilidades. A articulação dos três registros fundamentais da ecologia diminuiria os maus presságios de uma escalada nas atitudes do homem, superando situações de racismo, fanatismo religioso, exploração do trabalho das crianças, opressão das mulheres e toda espécie de fundamentalismo que aprisione as consciências, numa concepção de mundo fragmentária. Não superá-las é comprometer o conceito de humanidade. Na visão holográfica, a parte influencia o todo; esta influência deveria dar-se necessariamente, de forma harmônica, numa “frequência” que produzisse vida e não destruição.

Mais especificamente, e talvez aqui encontremos fundamentos de como a Educação Física pode contribuir para uma concepção de corpo que contribua para uma ecologia da subjetividade humana: aos olhos de Guattari (ibidem), teria de ser “*levada a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma⁸, com o tempo que passa, com os “mistérios” da vida e da morte*”, sugerindo também uma busca de antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade, pelas sondagens.

Assim, propõe-se refletir sobre um conceito de corporeidade, de uma certa maneira ligada a um conceito de corpo como arte, como expressão de serviço altruístico, em contraposição ao corpo rendimento, que nos torna competitivos. Uma concepção que nos motive a evitar maltratar o corpo de forma arbitrária, apoiada em óptica padronizadora, que apresenta a possibilidade de nos conduzir à barbárie.

⁸ "Depois que as pessoas perdem um membro, geralmente não perdem a sensação de sua presença. É como se ele continuasse lá, embora não mais como realidade física." (Sheldrake, 1999: 106) . Isto implica pensar que a concepção de corpo pode ser ampliada a contextos que não sejam exclusivamente materiais.

Na perspectiva das implicações de uma atitude ecosófica, Guattari nos aproxima de um conceito de sujeito que nos faz relacioná-lo, ao conceito de relações holográficas de Pribram, induzindo-nos a refletir sobre a importância de um trabalho corporal, focalizado no homem que se movimenta, expressando uma percepção de totalidade.

“O sujeito não é evidente: não basta pensar para ser, como proclamava Descartes, já que inúmeras outras maneiras de existir se instauram fora da consciência, ao passo que o sujeito advém no momento em que o pensamento se obstina em apreender a si mesmo e se põe a girar como um pião enlouquecido, sem engancha em nada dos territórios reais da existência, os quais, por sua vez, derivam uns dos outros, como placas tectônicas sob a superfície dos continentes.” (Guattari, 1990: 17)

E assim Guattari (ibidem) provoca possibilidades éticas, sublinhando principalmente a responsabilidade e o necessário engajamento de todos os que estão em posição de intervir nas instâncias psíquicas individuais e coletivas através da educação, da saúde, da cultura, do esporte. Em todos estes casos vislumbra-se a participação do professor de Educação Física, entre outros.

Neste sentido, opor-se a uma passividade fatalista para evitar nocividades e poluições objetivas, direcionando o refletir do Ser para uma heterogênesse, ou seja, um processo contínuo de re-singularização do indivíduos. Que se possa “*tornar a um só tempo solidários e cada vez mais diferentes*”, com a ajuda de trabalhos corporais, que tenham como princípio que todos somos únicos no mundo. Que em vez de buscar uma igualdade sejam capazes de se relacionar harmoniosamente, a partir das próprias diferenças, das próprias desigualdades e quem sabe, poder ser/estar mais satisfeitos com eles mesmos.

Corporeidade ecosófica e holográfica

Aqui foi o local onde, enquanto estudante, parei... e parei muito tempo, ou melhor dizendo um tempo mais esticado, talvez um tempo dobrado⁹. Fiquei sempre pensando no que poderia dizer do meu sentir-intuir, nascido através do “gesto” em busca do corpo ecológico, dizer de forma fluida e fácil sobre a Corporeidade ecosófica e holográfica que imagino poder vislumbrar, quem sabe desvelar, talvez em outro momento, descrevê-la.

Esta eu sinto que é uma tarefa que não pode ser adiada – desvelar o corpo enquanto espaço de multidimensionalidades, “vestimenta” tridimensional daquilo que somos enquanto Ser infinito. Isto me traz uma reflexão de Ferguson (1991), sobre Pribram lembrando a observação deste pioneiro pesquisador da memória, falando sobre quando um cientista deve tomar uma decisão que envolve assumir riscos, ativar a vida.

“Ele começa a se interessar pelo seu trabalho e por aquilo que suas descobertas significam”, disse Pribram. “Então ele tem de escolher. Se começa a fazer perguntas e tenta encontrar

⁹ No sentido holográfico, uma tentativa de encontrar fundamentos, através de uma conexão, que faça sentir toda a vida do corpo em estado puro, onde aqui e lá são paradoxalmente o mesmo lugar. “A ordem dobrada abriga nossa realidade, quase da mesma maneira como o ADN no núcleo da célula abriga potencialmente a vida e dirige a natureza do seu desdobramento. [...] A ordem desdobrada é algo assim como assistir um filme. *A própria aparência dos fenômenos*” (Ferguson, 1991: 25) (*grifo meu*)

respostas, e entender o que tudo isso significa, parecerá insensato perante seus colegas. Por outro lado, ele pode desistir da tentativa de entender o que tudo isso significa; não parecerá insensato, e aprenderá cada vez mais a respeito de cada vez menos”. (Ferguson, 1991: 20)

Penso que compreender o movimento humano, não contempla apenas a visualização do corpo físico. Bohr (1995) sugere que *"a divisão cartesiana entre sujeito e objeto possa ser superada a partir de reflexões que considerem também os pressupostos que não dividem mais o mundo em grupos de diferentes objetos, separados de nós, mas em grupos de diferentes interações, que incluem o observador."*

Ainda trago algumas questões que podem orientar essas reflexões: Quem é o observador? Quem é o corpo? E duas a mais, para complementar este ponto de partida, para direcionar o pensar, também no sentido de uma teoria e prática pedagógica em Educação Física retiradas de Ghirdelli (2000).

“A figura do belíssimo quadro de Abbot Anderson Thayer... ...a do menino sendo guiado pelo anjo, não está aqui à toa. Ao lado dela poderíamos colocar uma paráfrase de uma pergunta colocada por um pensador alemão do século XIX, Karl Marx: “quem educa o educador? No caso: quem ensina o caminho ao anjo, que, por sua vez, tem o direito de ensinar o caminho para a criança?” (Ghirdelli, 2000: Internet)



Thayer sentia profundamente a perda de jovens e mulheres na Primeira Guerra Mundial em epidemia de gripe trazida por soldados sobreviventes. Nesta pintura ele oferece consolo em ambas as figuras: o menino que busca um futuro mais luminoso e o anjo que se apoia nele como o protetor de mocidade não estragada. A pintura é assinada e datada três vezes: em 1918 marcando o fim de Primeira Guerra Mundial; em 1919, quando Thayer exibiu-a numa exposição retrospectiva dele no Instituto de Carnegie em Pittsburgh; e em 2 de abril de 1920, identificando-a como um dos seus últimos.

In: (GHIRALDELLI JR. 2000) p. 4 (lição 1)
O Jovem e o Anjo 1918, 1919 e 1920 - Óleo em madeira 157.6 x 125.6 cm
 Galeria de arte de Albright-Knox, Búfalo, Nova Iorque, Knox e Clifton Funds, 1925.

Eis aí questões que me envolvem em profundas reflexões e que me trazem um alento quando penso em Valores Humanos (Martinelli, 1999; Puebla, 1997; Craxi, 1995) – Verdade, Ação Correta, Paz, Não Violência, Amor – ou quando encontro caminhos que apontam para a complexidade, a até mesmo poder

responder como Santos (1988) que “*A superação da dicotomia ciências naturais/ciências sociais tende assim a revalorizar os estudos humanísticos. Mas esta revalorização não ocorrerá sem que as humanidades sejam, elas também, profundamente transformadas.*”.

Falo aqui de um corpo humano-humanizado-humanizador, consubstanciado de Valores Humanos, investido de uma prontidão para o impermanente (Dalai Lama, 1997), salvaguardado de sua condição de ser-no-mundo. Estando no mundo, ter na sua Corporeidade a marca do estar vivo, para transformando, transformar-se em mundo habitado pelo reencontro com o seu encantamento do se-mover enquanto se-movente conhecido ou desconhecido, até que apareça a melhor resposta.

“Duvidamos suficientemente do passado para imaginarmos o futuro, mas vivemos demasiadamente o presente para podermos realizar nele o futuro. Estamos divididos, fragmentados. Sabemo-nos a caminho mas não exatamente onde estamos na jornada. A condição epistemológica da ciência repercute-se na condição existencial dos cientistas. Afinal, se todo conhecimento é autoconhecimento, também todo desconhecimento é auto-desconhecimento” (Santos, 1988: 58)

Assim, propor uma Corporeidade que com ajuda da ética-estética no sentido das três ecologias privilegie a dimensão de compreensão em direção a uma holopraxis – vivências voltadas para a superação da fantasia da separatividade (Cardoso, 1995) –, que se compõem numa co-responsabilidade entre o pensar-sentir-agir e um se-movimentar criativo-intuitivo que não petrifique a alteridade e a subjetividade humana, e que não se destitua de Valores Humanos.

A Corporeidade como ponto de partida e de chegada

Eis aqui um desafio que antevejo por múltiplas razões pensáveis, seja pela diversidade de conteúdos¹⁰ que nos levam a uma orientação, conforme Assmann (1994), de aspectos relevantes para uma teoria da Corporeidade, pela complexidade que o tema exige, seja por uma mudança radical na forma de pensar educação onde a corporeidade passa a ocupar lugar de destaque no processo.

O mesmo autor defende que “*O corpo é, do ponto de vista científico, a instância fundamental e básica para articular conceitos centrais para uma teoria pedagógica*”, desafiando professores de Educação Física a oferecerem contribuições pertinentes, se assim estiverem dispostos a ousar. E, se em nada redundar, pelo menos para aqueles que acreditarem na proposta do desafio, poderem se expor, ser “insensatos” e com isso desenvolverem-se para uma melhor compreensão de si mesmos. Daí, vivenciarem uma corporeidade que nas relações de vida produza *amor, trabalho e sabedoria* (Reich, 1995).

¹⁰ Figura 1

| Teoria | Temática |
|--------------------|------------------------------------|
| Autopoiése | Dinâmica auto-organizativa do vivo |
| Homeocinética | Superar o modelo homeostático |
| Sinergética | Simetria e dissimetria coexistem |
| Sistemas dinâmicos | Abertos e longe do equilíbrio |
| Teoria do caos | Suas variantes |
| Motricidade | Espaço-temporalidade cinética |

Figura 1 – Adaptado de Assmann (1994: 87)

Não resta dúvida que, neste campo, não é possível a omissão dos pares nesta empreitada, mesmo porque como outra consequência mais cruel, extirparia o Professor de Educação Física do processo educativo no futuro ao não olhar para a Corporeidade e nem tê-la como ponto de reflexão. Sem Corporeidade, torna-se caminhada epistemológica em direção a estase, ao vazio axiomático. Assmann (1994) vislumbra uma demanda de oferta, no que se refere a Corporeidade, que implicaria numa urgência de encontrar pressupostos que dêem sustentação ao tema; a direção de uma nova episteme que poderia contribuir para um conhecimento de Corporeidade.

“O assunto *Corporeidade* é tão agudamente relevante para a Educação em geral, para a vida humana e para o futuro humano neste planeta ameaçado, que urge alargar a nossa visão para incluir necessidades ainda não suficientemente despertadas, mas que seguramente se manifestarão mais e mais ao ritmo da deterioração da Qualidade de Vida. Porque *Qualidade de Vida*, mesmo no seu sentido mais espiritual, sempre significa *Qualidade da Corporeidade vivenciada*.” (Assmann, 1994: 75)

Considerando estes pressupostos como verdadeiros, ainda encaminho a reflexão para o *sentido do sagrado*, se pensamos o corpo enquanto sistema que se encontra em constante estado de mudança, talvez aprendizado, buscando uma perene atualização, no presente, daquilo que experimentou no passado, o sagrado bem que poderia ser uma categoria a ser seriamente discutida ao se falar em Corporeidade.

Para Miranda (2000), o homem é depositário do sagrado, e o corpo humano transcende a própria matéria, tem uma rica linguagem própria. É considerado pelo mesmo autor um santuário onde a sabedoria divina se torna visível. Mas rebate que “*no mundo contemporâneo, o corpo sofreu uma violenta dessacralização, profanado por mecanismos sociais avassaladores.*” E prossegue:

“Finalmente, os corpos também perderam sua sacralidade, exaltados em ideais hedonistas, condenados como fonte de corrupção e pecado pelas visões religiosas dualistas, explorados como fonte de riqueza, esquecidos como uma espécie de resíduo. Ganhou espaço a retórica dos direitos humanos, da anomia social e de um discurso político elaborado e racional, que terminou por emudecer o falar simbólico corporal numa cacofonia feita de cosmética, sexo, saúde, academias de ginástica, propaganda e sedimentação semântica.” (Miranda 2000: 13)

Temos, ainda, uma imagem que permite uma associação bastante peculiar de como a Corporeidade se configura na condição sujeito-autor, e com isso diferenciar entre um corpo que aciona seus mecanismos a partir de sua auto-organização e um outro que é organizado a partir de configurações externas

a ele. Daí dizer que a relação do homem com o seu Ser é uma verdade impossibilitada de refutação, mas que é essencial "saber Ser" nessa relação.

Ao nosso ver, seria na relação de complexidade, onde o surpreender-se com o mundo do próprio corpo seja o reflexo de todas as surpresas de viver-no-mundo, investindo afeto, pacificidade, harmonia, interação e ação correta.

Nesta última, vemos que na Corporeidade vivida pelo sujeito, dentro de um entendimento holográfico, – a parte que contém o todo, e pode influenciar esse todo com suas ações – os gestos humanos produzidos pelo Ser-movente podem gestar um mundo que contemple consciência crítica-autocrítica, que conduza o homem a tomar atitudes dialógicas. Entretanto, existem situações que podem conduzi-lo a direções completamente opostas ao diálogo consigo e com o mundo como nos mostra Souzenelle (1994).

“Uso aqui uma linguagem caricatural apenas para exprimir com vigor as opções fundamentalmente opostas que o homem pode tomar. Opções segundo as quais ou o corpo é *vivido* – ele é então 'imagem do corpo divino' tendendo a identificar-se com ele – ou é *entretido*, sofrendo a identificação com a banalização exterior. Os primeiros 'são seus corpos', os segundos 'têm um corpo' [...] (Souzenelle,1994: 39)

Vemos então que, para a Corporeidade, a melhor resposta é a do corpo vivido e não a de um corpo entretido, e que para Santin (1987), “*O fundamento da presença humana ou do fenômeno humano acontece na corporeidade significativa e expressiva na direção do outro.*”

Como então tornar o trabalho corporal essencialmente pedagógico, que permita estabelecer uma relação de vivência dialógica do Ser no/com o mundo, tendo como proposta básica a de tornar o outro o outro mesmo? A esta pergunta em um outro espaço, espero poder ampliar as reflexões. Respondê-la? – agora o leitor se torna vivo neste texto – Este é o trabalho de todos nós.

Gostaria ainda de lembrar de uma outra categoria importante para pensar Corporeidade, ou seja, a subjetividade, pois é no universo da corporeidade que segundo Santin (ibidem), “*se instaura a subjetividade e a intersubjetividade, não apenas como meros movimentos contatuais, mas como gestos significantes*”. Guattari (1999) chama atenção para os mecanismos de produção da subjetividade dando suporte a uma re-singularização individual, e que “*Isso conduziria a reexaminar a relação entre indivíduo e subjetividade e, antes de mais nada, a separar nitidamente esses conceitos.*”

“A subjetividade, através de chaves transversais, se instaura ao mesmo tempo no meio ambiente, dos grandes agenciamentos sociais e institucionais e, simetricamente, no meio das paisagens e dos fantasmas que habitam as mais íntimas esferas do indivíduo. A reconquista de um grau de autonomia criativa num campo particular invoca outras reconquistas em outros campos. Assim, toda uma catálise da retomada de confiança da humanidade em si mesma está para ser forjada passo a passo e, às vezes, a partir dos meios os mais minúsculos.” (Guattari, 1999: 56)

Eis aí uma chave que nos desvela, enquanto cidadãos da nossa Corporeidade. Talvez possamos, pela parceria relacional, influenciar o micro ao nosso redor, exercendo com autonomia criativa a nossa subjetividade encantada e a possibilidade de sermos como somos: únicos, unos, mas não sozinhos, pois só nos tornamos sujeitos dialógicos na presença do outro sem que com isso sejamos a posse ou o possuidor do outro.

“O homem não pode dispor de si mesmo, porque não é uma coisa, nem é propriedade de si mesmo, pois seria contraditório... Ora, ele é pessoa, o que é diferente de propriedade, portanto não é coisa cuja posse lhe possa reivindicar, pois é impossível ser ao mesmo tempo, coisa e pessoa.” (Kant, 1991 citado por Berlinguer, 1993)

Não podemos furtar-nos de denunciar os mecanismos repressores dos gestos expressivos, nascidos do desejo de alteridade do ser-movente. Sem alteridade são arrastados a uma padronização que permite gestos construídos de fora para dentro, sem considerar a subjetividade, inspirados em estereótipos. Daí expressam em suas mais diversas semióticas, uma infinidade repetida de imagens, em certo sentido mecanizadas, de comportamentos sem significado.

Sem alteridade o Ser é híbrido, estéril, a comunidade é opaca e os corpos correm o risco de perder toda relação de co-criadores, tornando-se rígidos por dentro e por fora, e, sem graça e sem leveza, são impossibilitados de autonomia. Sem autonomia o homem é escravo. Miranda (2000) defende que a alteridade e a cultura da diversidade, enquanto frutos do conhecimento e do reconhecimento mútuos, induzem-nos a olhar o outro como uma forma de aproximação de nós mesmos, mas, que a perda de tais categorias nos esvazia na direção da brutalidade.

“A solicitação e a manipulação de nossos corpos e sentimentos por mecanismos de consumo, projetos materialistas e embates competitivos nos afastam de nós mesmos e distanciam-nos de nossa identidade profunda. A violência urbana no trânsito, nos assaltos, nos ricos ambientes de trabalho e nas condições miseráveis das moradias expõe e atinge o corpo dos humanos cronicamente e, por vezes, de forma brutal, aguda e definitiva. Todos esses fatores nos deterioram, nos corrompem. Diminuem nossa consciência e secam a nossa vida.” (Miranda, 2000: 22)

Teria ainda muito por dizer, mas sinto que agora é o momento de rever minha caminhada neste texto, aprender com o reflexo do que foi dito, redimensionar o que ainda está por dizer. Aprender com os meus equívocos, que fazem parte da minha integridade. Enfim expor-me, lembrando Marques (1998), ao falar do ato de escrever e de publicar o escrito:

“Quando, porém, ele ganha mundo, quando passa ao domínio público, sinto que me fugiu, emancipou-se, escapou de meu alcance. Uma sensação muito viva e estranha: a de só agora ver a cara de meu filho ao mesmo tempo que dele me despeço; vê-lo cair na vida, ausentar-se entregue a indiscrição de quem não conheço, a destinos que fogem a meu controle. Talvez à chacota e ao desprezo, talvez à acolhida amiga, à simpática oportunidade de ser útil a alguém. É isto que faz dramático meu ato de escrever, e cheio de surpresas, de temores e alegrias.” (Marques 1998: 26)

Finalizando resta ainda algo expor, como ato de busca de uma possível “melhor resposta” que no momento ainda não encontramos para Educação Física. Talvez no plano fenomenológico, ela sempre esteve e sempre estará a nossa espera. Quando formos muitos e pudermos dizer muitas coisas a respeito desta epistemologia buscada, o verdadeiro nome da Educação Física se desvelará através daquelas pessoas que são seduzidas por esta procura.

Até lá, olhar para o corpo de maneira mais total, integrada, conjugada com verbos criativos, construtivos de uma aura de sabedoria. Reconhecendo no Ser, o homem que se movimenta em direção ao acontecer da sua existência corpórea sempre (re)lembrada, sempre (re)vivida, e que transcenda uma visão monológica. Isto pode ser parte do exercício.

Faço da Educação Física o que sempre foi para mim: uma parceira de caminhada neste mundo, companheira inseparável há mais de vinte anos. É através dela que assino o meu nome de sujeito-pessoa-autor enquanto professor-aprendiz. Esta já é uma marca no meu corpo-histórico que foi encarnada-encantada ao longo de todos os meus outros viveres.

De longe, sinto que a melhor resposta ainda está por vir, mas enquanto ela não chega fiquemos neste instante, por “aqui”, na continuidade das buscas. Tudo é um só. Na simplicidade está o poder de multiplicação. Só a aspiração pode levar-nos à lonjura dos caminhos. Que a resposta da caminhada seja a mais humana possível. Até lá, ficamos a procura do nome esquecido da Educação Física.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Teodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995
- ASSMANN, Hugo. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. 2ed.: Piracicaba, SP: UNIMEP, 1994.
- BERLINGUER, Giovanni. **Corpo Humano: mercadoria ou valor?** In: Revista Estudos Avançados – São Paulo: USP. 7(19), 167-192, 1993
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999
- BOHR, Niels. **Física atômica e conhecimento humano: ensaios 1932-1957**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995
- CAPRA, Fritjof. **Teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1997, p.24
- CARDOSO, Fernando Luiz. **Noções de Corporeidade de quem e para quem?**. In: Motrivivência, Ano V – Nº 5,6,7. Florianópolis: UFSC, dez 1994.
- CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. **A canção da incerteza: uma visão holística da educação**. São Paulo: Summus, 1995.
- CRAXI, Antônio e CRAXI, Sylvie. **Os valores humanos: uma viagem do “Eu” ao “Nós”**. São Paulo: Meca, 1995.
- DALAI LAMA. **O caminho para a liberdade**. Rio de Janeiro: Record, 1997
- DYCHTOWALD, Ken. **Comentários sobre a teoria holográfica: reflexões sobre o paradigma holográfico**. In: PRIBRAM et alii. Paradigma Holográfico e outros paradoxos. São Paulo: Cultrix, 1991
- FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **A Educação Física na crise da modernidade**. Projeto de Tese. Faculdade de Educação da UNICAMP, dez 1998
- FERGUSON, Marilyn. **A realidade mutável de Karl Pribram**. In: PRIBRAM et alii. Paradigma Holográfico e outros paradoxos. São Paulo: Cultrix, 1991
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 27ed.: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999
- GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em Educação Física: as inter-relações necessárias**. In: Motrivivência, Ano V – Nº 5,6,7. Florianópolis: UFSC, dez., 1994.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 9ed.: Campinas, SP: Papyrus, 1999
- GHIRALDELLI JR., Paulo. **Curso on line de filosofia da educação**. <http://www.filosofia.pro.br/aulas%201%20e%202%.htm>, 08/06/2000 p. 4 lição 1 e 2
- MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995
- MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 2ª ed., Ijuí-RS: UNIJUÍ, 1998
- MARTINELLI, Marilu. **Conversando sobre Educação em Valores Humanos**. São Paulo: Fundação Peirópolis, 1999.
- MIRANDA, Evaristo Eduardo de. **Corpo: território do sagrado**. São Paulo: Loyola, 2000

- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000
- PRIBRAM, Karl H.. **Qual a confusão que está por toda a parte**. In: PRIBRAM et alii. Paradigma Holográfico e outros paradoxos. São Paulo: Cultrix, 1991
- PUEBLA, Eugenia. **Educar com o coração**. São Paulo: Peirópolis, 1997.
- REICH, Wilhelm. **Análise do caráter**. São Paulo: Martins fontes, 1995
- SANTIN, Silvino. **Educação Física: Uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí, RS: Unijuí, 1987.
- SANTOS, Boaventura Souza. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1988 (p. 36-58)
- SILVA, Ana Márcia. **O corpo mundo: algumas reflexões acerca da expectativa de corpo atual**. In Grando, José Carlos (Org.) A (des)construção do corpo. Blumenau: Furb, 2000
- SHAFF, Adam. **A sociedade informática: as conseqüências sociais da segunda revolução industrial**. 2ed.. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1991
- SHELADRAKE, Rupert. **Sete experimentos que podem mudar o mundo: pode a ciência explicar o inexplicável**. São Paulo: Cultrix, 1999 p. 106
- SOBRAL, Francisco. **Problemas da investigação científica em ciências do desporto: teses e propostas de orientação**. Revista da UEM, Vol. 3 N° 1, 1992 p. 57-61
- SOUZENELLE, Annick de. **O simbolismo do corpo humano: da árvore da vida ao esquema corporal**. São Paulo: Pensamento, 1994
- WILBER, Ken. **Introdução**. In: PRIBRAM et alii. Paradigma Holográfico e outros paradoxos. São Paulo: Cultrix, 1991